

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Erejour Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



## Retrato da mídia norte-americana sobre imigrantes indianos: análise da série ‘Eu Nunca’<sup>1</sup>

Ana Luisa Sancio PIONTKOWSKI

Giulia Pin de PAULA

Amanda Laís Pereira NOLETO

(Universidade Federal do Espírito Santo / UFES)

### INTRODUÇÃO

A série americana da Netflix, ‘Eu Nunca’, conta a história de Devi, uma adolescente filha de indianos que tenta superar a morte traumática de seu pai e, ao mesmo tempo, viver uma vida de adolescente. Nesta análise, procuramos tratar de forma mais aprofundada sobre a compreensão cultural de Devi, isto é, ela se entendendo como indiana e/ou americana e como essa questão é trabalhada na obra.

Nosso principal objetivo com essa análise é entender como a série trabalha a cultura indiana nos EUA e como essas questões estão presentes na realidade norte-americana. Para realizar esse trabalho, utilizamos, principalmente, a primeira temporada da série, uma vez que as outras tratam mais do desenvolvimento pessoal da personagem. A metodologia utilizada foi: Pesquisa Bibliográfica a partir do levantamento de textos/teóricos que dialogam com a temática e, também, Análise de Conteúdo com o estudo dos episódios da primeira temporada.

### DIÁSPORA E DECOLONIALISMO

Antes de falarmos sobre a cultura indiana nos EUA, precisamos entender como essa imigração ocorre.

Em busca de melhores condições de vida, os pais de Devi deixam a Índia e vão para Los Angeles, na Califórnia, praticando o que é conhecido como diáspora, nesse caso uma diáspora incentivada. Devi, então, nasceu nos EUA, sendo, portanto, americana. Porém, ela tem acesso direto com sua cultura, já que seus pais trazem com

---

<sup>1</sup> O presente resumo expandido é uma Comunicação Científica, apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no 2º Encontro Regional Sudeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Sudeste).

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

"A extensão na formação em Jornalismo"



eles todos os seus costumes e tentam mantê-los frequentes na vida da filha. Nossa análise começa a partir dessa ideia de pluralidade cultural. Cumpre pontuar que o estudo dos episódios se dá por meio de Análise de Conteúdo na perspectiva proposta por Fonseca Júnior (2006), uma vez que buscou-se uma análise detalhada da série em suas múltiplas nunces.

Stuart Hall, em seu livro 'Da Diáspora', trabalha a binaridade social, o que significa que filhos de imigrantes não pertencem apenas a uma etnia. (HALL, 2003, p. 345). Devi, assim, não é americana ou indiana, mas sim uma pluralidade dos dois povos. Outro traço interessante é que apesar de ser uma cultura marginalizada e até mesmo oprimida no país, os indianos nos EUA conseguem reforçar seus costumes dentro das próprias famílias e impedir que ela desapareça.

Nesse sentido, podemos entrar com o conceito de decolonialismo. No artigo 'Paulo Freire e uma prática jornalística decolonial' (OLIVEIRA, 2020, p. 129), a decolonialidade é tratada como uma prática para resistir às práticas dominantes, especialmente tratando-se do capitalismo como sistema social, onde inúmeras culturas se consideram e agem como superiores às outras. Os opressores, principalmente países de primeiro mundo, marginalizam os países emergentes e subdesenvolvidos. É o caso dos EUA com a cultura indiana. A permanência dos costumes em outro país, que em inúmeras nações, se mostrou dominador e ditador, mostra uma política decolonial.

Podemos agora entender porque a binaridade social, no caso indiano, é tão forte. Os indianos ou descendentes possuem sua cultura 'natal' muito bem preservada, apesar de estarem num novo país, ainda mais em uma nação tão dominadora como a norte-americana.

## GERAÇÕES DISSOLVIDAS E NÃO PERTENCIMENTO

Em 'Eu Nunca', temos algumas personalidades femininas indianas muito bem desenvolvidas, dentre elas: Devi e sua mãe, Nalini. Para analisá-las usamos como referência teórica o artigo 'As Identidades Diaspóricas das Personagens Femininas em Intérprete de Males e Terra Descansada', de Jhumpa Lahiri (ALMEIDA, 2019, p. 06).

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



No texto, a escritora faz uma análise de dois contos de Lahiri. Neste artigo, iremos nos basear no conto ‘Terra Descansada’, que conta a história de Ruma, uma mulher filha de imigrantes indianos, que se identifica muito mais com a cultura americana do que com a indiana, diferente de sua mãe, que, por ter nascido na Índia, se sente muito mais confortável com os costumes de sua terra natal. A mãe de Ruma é uma imigrante da primeira geração, já Ruma pertence à segunda geração. A partir dessa classificação, faremos uma análise de duas personagens femininas de ‘Eu Nunca’, Nalini e Devi.

Nalini, nascida na Índia, seria caracterizada como uma mulher da primeira geração, porém, distinta das mulheres analisadas por Almeida (2019), Nalini não se prendeu aos costumes indianos de cuidar dos filhos e do lar, possuindo um trabalho fora. A mãe de Devi é uma mulher independente, uma dermatologista bem-sucedida, ao mesmo tempo, mantém viva sua cultura, exigindo que Devi faça suas obrigações religiosas e se mantendo uma mãe presente, sempre educando a filha. Apesar de ter se identificado com a cultura americana e de ser uma mulher realizada nos EUA, quando seu marido falece, Nalini deseja voltar à Índia, pois se sente incompleta sem seu parceiro. A questão familiar também é tratada no conto de Ruma, que ao perder a mãe, perde também sua identidade indiana. Essa característica também faz parte da cultura diaspórica, a ideia de perda de identidade ao perder aquilo que o faz conectar-se com sua terra natal.

Já Devi pertence à segunda geração, visto que nasceu nos EUA, mas é filha de indianos. No artigo, a pesquisadora fala do ‘não pertencimento’ das mulheres da segunda geração. Diferentemente das nascidas na Índia, as mulheres dessa geração têm dificuldade em se enxergar como americanas ou como indianas, por isso, sentem que não pertencem a nenhum lugar. (ALMEIDA, 2019, p. 06).

Podemos, assim, novamente tratarmos da ideia de binaridade social, do estudo de Hall (2003). Essas mulheres não conseguem se enxergar como nenhuma das duas etnias porque não pertencem a apenas uma. É possível ser americana e indiana, há uma ambivalência no sentimento de pertencimento. (HALL, 2003). A partir do momento que Devi se entende como os dois, ela passa também a se sentir melhor consigo mesma.

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

"A extensão na formação em Jornalismo"



Embora algumas problemáticas apareçam ao longo da série, contexto que será analisado a seguir.

## ANALISANDO ESTEREÓTIPOS E A IDENTIDADE DA PERSONAGEM DEVI

Em seu cotidiano, Devi sofre com as diferenças físicas, com os padrões de beleza, e culturais entre ela e seus colegas, o caso é propício para tratar do que chamamos de estereótipo. De acordo com Luís Martino (2014), os estereótipos são a forma pela qual as pessoas colocam em prática o processo de 'categorização' que permite aos seres humanos simplificar o mundo ao seu redor a partir da abstração de traços comuns, o que pode não condizer com a verdade por ser uma visão simplista. É o que Stuart Hall, em seu livro 'Da Diáspora' explica para as definições da cultura negra: "Mas ela nunca pode ser simplificada ou explicada nos termos das simples oposições binárias habitualmente usadas para mapeá-la (...)" (HALL, 2003, p. 341).

No caso da personagem, a sua definição é pela razão étnica. Devi vive em uma família indiana onde é fundamental preservar os seus tradicionais costumes, mesmo que ela prefira viver como seus amigos americanos. O fato dela tentar se manter ativa nas práticas culturais indianas faz com que haja um conflito entre a rotina dela e a de seus colegas, o que gera os estereótipos. Hall também explica o peso dessa definição como algo, de certa forma, imutável:

(...) Quanto maior a relevância da "etnicidade", mais as suas características são representadas como relativamente fixas, inerentes ao grupo, transmitidas de geração em geração, não apenas pela cultura e a educação, mas também pela herança biológica. (HALL, 2003, p. 70).

Devi é apresentada a partir de diversos estereótipos ao longo das temporadas. Ela é uma estudante altamente dedicada, que está constantemente tentando alcançar sucesso acadêmico e atender às expectativas da família, isso reflete a imagem de que os indianos são extremamente orientados para os estudos. Devi é frequentemente vista através do prisma da diferença cultural, às vezes tratada como alguém que é diferente da maioria dos seus colegas, exemplificando a ideia de que os indianos são 'exóticos' para a cultura ocidental. A mãe de Devi é retratada, em alguns momentos, como tradicional e

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



conservadora, demonstrando a ideia de que todas as famílias indianas são rígidas, com uma ênfase excessiva em normas culturais e expectativas familiares.

Com o movimento da diáspora, como já foi citado anteriormente, as identidades culturais se tornam múltiplas, não há a necessidade de se definir como uma coisa só. Hall (2003) explica que você pode fazer parte de diferentes culturas e se identificar com ambas.

Para além da personagem ser definida a partir da visão já pré-estabelecida com os estereótipos, muitas vezes a própria Devi reafirma isso em seu cotidiano. Walter Lippmann, em seu livro ‘Opinião Pública’, define esse comportamento como uma defesa e um pertencimento: “Os estereótipos [...] são as fortalezas de nossa tradição, e atrás de nossas defesas podemos continuar a sentirnos seguros na posição que ocupamos.” (LIPPMANN, 2008, p. 49).

## RELAÇÃO COM A CULTURA DO SILÊNCIO DE PAULO FREIRE

A partir da definição e contextualização do programa com a ideia de estereótipo, podemos relacionar a produção com o conceito de cultura do silêncio definido por Paulo Freire. Ele a define como “(...) uma determinação negativa expressa pela subalternização das classes oprimidas e pela prática do mutismo destas classes nos processos pedagógicos.” (OLIVEIRA, 2020, p. 124).

Essa cultura se manifesta a partir da opressão e desencorajamento de um povo, ou do impedimento de expressar suas opiniões e necessidades. A condição pode ser imposta por repressão ou por falta de oportunidade, além da conformidade das formas passivas de opressão, quando os indivíduos entendem que suas vozes e atos não têm valor ou impacto e aceitam situações sem questionar. Esse silenciamento os torna dependentes do sistema que os oprime e se mantém até que haja uma intervenção. (OLIVEIRA, 2020). Com isso, as etnias minoritárias se tornam marginalizadas.

No caso de ‘Eu Nunca’, a personagem Devi sente que precisa se adaptar às condições de vida e cultura dos norte-americanos e se tornar cada vez mais parecida e, de certa forma, dependente deles. Ela muitas vezes silencia aspectos de sua identidade cultural para se encaixar. Vemos isso na forma como ela reage às expectativas da escola

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



e da sociedade em geral. Freire destaca que a cultura do silêncio tem uma função ideológica a partir das narrativas hegemônicas. O mutismo se torna um fator crucial para que situações históricas sejam naturalizadas sem muito esforço, com a aceitação dos povos subalternos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas, concluímos que a série narra a experiência multifacetada da adolescente Devi, enquanto ela divaga pelas culturas americana e indiana até os momentos em que ambas se confrontam internamente na vida dela. A identidade da personagem é moldada, a partir da nossa análise, pela imigração e o movimento da diáspora. Além disso, o conceito de binaridade social se aplica, refletindo a força da cultura indiana no seu cotidiano e, ao mesmo tempo, a influência da cultura americana. Por fim, foi possível observar que ao longo das temporadas há um crescimento e um amadurecimento da protagonista. Ela aprende, de certa forma, a lidar com esses embates e se entende como uma mistura de culturas que pode, e deve, ser comum.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Débora Pereira Miranda de. **As Identidades Diaspóricas das Personagens Femininas em Intérprete de Males e Terra Descansada, de Jhumpa Lahiri**. Revista Scripta Alumni, n. 22, 2019.
- FONSECA JUNIOR, W. C. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- MARTINO, Luís. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- OLIVEIRA, Dennis de. Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória decolonial. **Olhares**, Guarulhos, v. 08, agosto, 2020.